

MOTTAINAINISMO: ETIMOLOGIA E DEFINIÇÃO BASEADAS NA HERANÇA CULTURAL DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO AMAZONAS

MOTTAINAINISM: ETYMOLOGY AND DEFINITION BASED ON THE CULTURAL HERITAGE OF JAPANESE IMMIGRATION IN AMAZONAS;

Linda Midori Tsuji Nishikido¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo a investigação de um aspecto cultural do cotidiano do japonês, denominado *mottainai*, prática de acúmulo de bens não propriamente vinculado aos fins econômicos, que podemos designar de *mottainainismo*², representando, de certo modo, um dos quesitos fundamentais no desenvolvimento social e econômico do povo nipônico em solo brasileiro. Para tanto, o trabalho enfoca o sentido etimológico do termo, a sua história, a sua aplicabilidade no mundo contemporâneo e a importância no cenário da imigração japonesa. A fundamentação teórica baseia-se nas ideias e no

ABSTRACT

This paper aims to investigate a cultural aspect of Japanese daily life, called mottainai, the practice of accumulation of assets not necessarily linked to economic purposes, that we can call mottainainism, representing, in a way, one of the fundamental issues in the social and economic development of the Japanese people on Brazilian soil. Therefore, the work focuses on the etymological meaning of the term, its history, its applicability in the contemporary world and its importance in the Japanese immigration scenario. The theoretical approach is based on Max Weber's ideas and chapter "Religious rejections of the world and their directions", thus constitu-

¹ Mestranda do Programa de pós-graduação de Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo. e-mail: L_nishikido@usp.br.

² Neologismo a partir do termo *mottainai*, cunhado em uma conversa sobre o tema com Marcus Vinícius de Lira, linguista e professor da Universidade de Brasília.

capítulo *Rejeições religiosas do mundo e suas direções*, de Max Weber, constituindo, assim, base para definição dos aspectos inerentes à cultura do *mottainai*, pois determina, na sua essência, a racionalidade autônoma de cada esfera social, seja religiosa, econômica, política, artística, erótica ou intelectual, regida pela coerência ética. De modo equivalente e complementar, as ideias de Pierre Bourdieu em relação à produção da crença também estabelecem relação com a cultura do *mottainai*, tendo em vista que postula a existência de um mecanismo próprio, não propriamente econômico, para a produção de bens culturais. Nesse sentido, a pesquisa procura elucidar parcela do comportamento e do pensamento do imigrante nipônico no Amazonas por meio das ações relacionadas ao *mottainai*, possibilitando, por conseguinte, um outro olhar sobre a etnia.

Palavras-chave: *Mottainai*. *Mottanainismo*. Imigração japonesa. Cultura. Religião.

ting the basis for defining aspects inherent to the culture of mottainai, since it determines, in essence, the autonomous rationality of each social sphere, may it be religious, economic, political, artistic, erotic or intellectual, governed by the ethical coherence. In an equivalent and complementary way, the ideas of Pierre Bourdieu related to the production of belief also establish a relation with the culture of mottainai, taking into account that it postulates the existence of a proper mechanism, not merely economic, for the production of cultural goods. In this sense, the research seeks to elucidate part of the behavior and thinking of the Japanese immigrant in Amazonas through the actions related to mottainai, thus enabling another look at the ethnicity.

Keywords: Mottainai. Mottanainism. Japanese Immigration. Culture. Religion.

1 INTRODUÇÃO

O interior das casas de imigrantes japoneses, sobretudo os sobreviventes de guerras mundiais, pode ser caracterizado como um espaço de aspecto enigmático, com amontoado de objetos recicláveis, usados, antigos e velhos, na maioria das vezes, empoeirados. Tal processo transforma a imagem interior da casa em depósito de sucatas. Por isso, percebe-se que a cultura do acúmulo de algo aparentemente sem serventia não é um caso particular. A grande parte das casas onde vivem japoneses da geração de imigrantes, ou até mesmo da segunda geração, apresenta um ambiente que se assemelha a lixo acumulado, especialmente nas comunidades¹. Aos olhos externos, a conclusão a que se chega é a de que os japoneses são desorganizados, cercados de objetos inúteis ou algo próximo dessa classificação. Entretanto, o hábito singular de acúmulos de bens integra o cotidiano do povo japonês, de modo que existe um termo próprio, denominado *mottainai*, ou seja, uma prática arraigada no costume tradicional que é observada ao longo dos anos.

O imigrante, uma vez fora da sua fronteira territorial, carrega os bens materiais, mas os de maior peso são os bens culturais que, ao serem praticados no espaço onde predomina a cultura alheia, causam estranhamento, à primeira vista, porém, a prática constante resulta na integração ao novo espaço, constituindo o que podemos nomear de diversidade cultural. Nesse sentido, Santos (2012, p. 19) postula que “a diversidade também se constitui de maneiras diferentes de viver, cujas razões podem ser estudadas, contribuindo dessa forma para eliminar preconceitos e perseguições de que são vítimas grupos e categorias de pessoas”. Dessa forma, investigar a cultura do *mottainai*, ou seja, o *mottainainismo*, possibilita compreender parte do comportamento do povo japonês e de seus descendentes no contexto da sociedade brasileira.

O *mottainainismo*, nos períodos de guerra, compunha um ensinamento adquirido no lar, na escola, no exército e em todos os setores sociais do Japão, cujo objetivo principal estava na preservação dos bens materiais e culturais, aproveitáveis ou não, de maneira tal que os japoneses têm a propensão de acondicionar tudo, desde latas de conserva, sacos de açúcar, de arroz, vasilhas de refrigerantes até, por exemplo, pregos e parafusos usados. Todavia, tal comportamento não se pode atribuir a uma causa somente, tendo em vista que a formação de uma cultura é um processo contínuo e, portanto, resultante de um conjunto de fatores,

¹ As comunidades nipônicas localizavam-se geralmente na região rural com espaço suficiente para acumular grande quantidade de objetos.

tais como a pobreza que a população perpassa em períodos da história, os tempos de guerra, a ideologia do governo partidário do militarismo, questões políticas, doutrinas religiosas e filosóficas, o espaço geográfico, fenômenos da natureza, entre outros. A pesquisa permitiu observar que *mottainai* não é uma prática advinda a partir dos conflitos de guerras da primeira metade do século XX como se pode pensar. Tem-se seu registro desde os tempos antigos como, por exemplo, no conto *Ujishui*, do século XIII (ICHIKO, et al., 1976, p. 310). Esse comportamento cultural estende-se até os dias atuais, mesmo com a consagração econômica do Japão, sobretudo nas regiões interioranas japonesas. Cacio José Ferreira ² observou que os japoneses “acumulam mais na zona rural, mas ocorre também na zona urbana, mas por questão de leis e espaço, acredito que é menos usual” e tal é o seu espanto que chega a afirmar: “Eles acumulam de tudo. Desde pedaços de plásticos, eletros que não funcionam mais, cadeira e mesa quebradas. Tudo!”.

Hodiernamente, a concepção do *mottainainismo* é praticada não somente no Japão, mas também fora do arquipélago nipônico, pelas empresas e por organizações não governamentais. Vale salientar que a ganhadora do premio Nobel da Paz de 2004, Wangari Maathai, de origem queniana, deparou-se com o termo *mottainai*, pela primeira vez, quando visitou o Japão, em 2005. Percebeu que o conjunto de suas ações se inseria perfeitamente neste termo, criando a *Mottainai Campaign*³, campanha que objetiva construir a ideia da sustentabilidade, por meio dos três R, ou seja, Reutilização, Reciclagem de bens escassos de modo eficiente e, por conseguinte, Redução de gastos desnecessários. Notou-se, posteriormente, que o termo reúne um significado mais profundo, ampliando para a inserção de mais um R, o Respeito aos bens materiais.

Desenvolve-se, também, na educação, atividade que visa à conscientização dos educadores para o *mottainainismo*: “os educadores que passam pelo processo percebem que a experiência não é apenas de ensino, mas sim uma jornada pessoal que reflete tanto na vida acadêmica quanto em suas vidas sociais”⁴.

Na agricultura, no estado do Pará, os *nikei*⁵ desenvolveram os sistemas agroflorestais (SAFs) que, embora não sejam de origem nipônica, têm resultado em produções rentáveis aos agricultores, tendo em vista que se trata de plantios de combinação de espécies de plantas

² Brasileiro não descendente em estudo no Japão, desde setembro de 2014, em resposta a questionário sobre *mottainainismo* no Japão atual.

³ Fonte: <http://mottainai.info/english/who.html>, acessado em 16 out 2014.

⁴ Fonte: <http://mottainaisustentabilidade.com.br/> acessado em 19 set 2014.

⁵ Descendentes japoneses nascidos fora do Japão.

da região, tais como cacauzeiro, açazeiro, cupuaçuzeiro, frutíferas, leguminosas e madeiras etc., no sentido de possibilitar um melhor aproveitamento do solo e das plantas nativas (BARROS, 2011, p. 305-306). Assim, o emprego de recursos regionais de modo eficaz abarca características do *mottainai*, sendo contribuição necessária para o processo de desenvolvimento sustentável.

Por outro lado, não se pretende discutir neste artigo a existência ou não de uma cultura semelhante em outras etnias. O ponto central que se propõe investigar é a representatividade do *mottainainismo* no contexto da imigração japonesa, não obstante encontre poucos estudos sobre o tema, pois consiste em característica tão comum à sociedade japonesa que se torna imperceptível. Sucede tal falta de percepção, pois “Um japonês que escreve sobre o Japão deixa passar coisas verdadeiramente cruciais quanto o ar que respira. O mesmo sucede com os americanos, quando escrevem sobre a América” (BENEDICT, 2011, p. 14).

Assim, a comparação apresenta-se como um meio capaz de observar com brevidade a existência de práticas do cotidiano peculiar de um povo. Em termos gerais, Funabiki (2014, p. 92) apresenta a analogia da família para compreender aspectos do Japão:

Quando se nasce numa determinada família e cresce só dentro dela, não se pode conceber uma família fora dela; só se acha que a família “é isso”; não se pensa a respeito dela. Mas quando se toma contato com uma outra família e vê que o pai desta família é mais gentil, que tem mais dinheiro, que leva a família todos os domingos à missa, começa-se a indagar por que esta família é diferente da sua. Pensar sobre si é comparar-se com outra pessoa (FUNABIKI, 2014, p. 92).

A bem da verdade, *mottainai*, no primeiro momento, sustenta-se como uma cultura eminentemente atrelada às questões econômicas, já que se trata de redução de custos, de racionalidade econômica, mas numa análise mais aprofundada nota-se a existência de singularidade que caminha em mão inversa à esfera econômica. Max Weber (1982, p. 372), em *Rejeições religiosas do mundo e suas direções*, explica que cada esfera social possui um mecanismo interno autônomo, resultando em tensões entre as esferas religiosas e demais esferas, seja econômica, política, erótica, artística ou intelectual. A evidência de tais tensões tem sua origem na racionalidade, “pois a racionalidade, no sentido de uma ‘coerência’ lógica ou teleológica, de uma atitude intelectual-teórica ou prático-ética tem, e sempre teve, poder sobre o homem, por mais limitado e instável que esse poder seja e tenha sido sempre frente a outras forças da vida histórica”. Assim, coadunando com o pensamento de Weber, *mottainai*, embora não deixe de

estabelecer conexões com o campo econômico, carrega na sua essência a ética cultural, causando, num determinado estágio de suas ações, tensão frente à esfera econômica, sobretudo quando tais ações transcendem objetivos meramente econômicos, imbuindo aos bens “valor não econômico”, ou seja, valor cultural. Significa, portanto, inferir a cada campo de atuação social um processo interno de racionalização, sendo que qualquer tentativa de subordinar a um desses campos resulta em tensão.

Os estudos relacionados à arte e literatura de Pierre Bourdieu (2006, p. 31) também harmonizam com as ideias de Weber, pois estabelecem na produção de bens culturais a existência de um mecanismo próprio capaz de caminhar em sentido inverso à racionalidade econômica em nome do lucro cultural, embora não signifique rejeição dos objetivos propriamente econômicos. Assim,

a oposição entre a arte “verdadeira” e a arte comercial abrange a oposição entre os simples empresários que procuram o lucro econômico imediato e os empresários culturais que lutam para acumular um lucro propriamente cultural, nem que fosse mediante à renúncia provisória ao lucro econômico. (BOURDIEU, 2006, p. 31)

Ainda, Bourdieu (2006, p. 21) compreende o comportamento dos sujeitos que atuam no campo da arte e da literatura como denegação da economia, isto é,

a denegação não é uma negação real do interesse “econômico” que assombra continuamente as práticas mais desinteressadas, nem uma simples dissimulação dos aspectos mercantis da prática, como chegaram a acreditar os observadores mais atentos. O empreendimento econômico denegado do marchand de quadros ou do editor, “banqueiros culturais” em quem a arte e os negócios se encontram praticamente [...], só pode ser bem sucedido, até mesmo “economicamente”, se não for orientado pelo controle prático das leis de funcionamento do campo de produção e circulação dos bens culturais [...] (BOURDIEU, 2006, p. 21)

Fazendo uma analogia de acordo com os estudos de Bourdieu, a cultura do *mottainai* revela maior complexidade do que a meramente atrelada às questões econômicas, tendo em vista a presença de outros valores, não propriamente econômicos, como respeito, sentimento, espiritualidade sobre acúmulo de bens tangíveis e/ou intangíveis.

Quanto à investigação do *mottainainismo* no contexto da imigração japonesa no Amazonas, torna-se interessante conhecer em síntese a história do processo migratório na região

em comento. Assim, o processo de imigração japonesa no Amazonas teve início em 1929, quando as primeiras famílias japonesas adentraram no município de Maués, objetivando a produção de guaraná. Posteriormente, a partir de 1931, outros grupos de imigrantes se dirigiram para o município de Parintins, obtendo sucesso econômico com a produção de juta. Os grupos de imigrantes do pós-guerra, precisamente a partir de 1953, foram destinados às áreas mais próximas da capital, na colônia denominada Bela Vista, atualmente localizada no município de Iranduba. Em 1958, as áreas ao longo da rodovia Manaus-Itacoatiara também foram colonizadas pelos imigrantes nipônicos, objetivando a produção de hortifrutigranjeiros (ASSOCIAÇÃO AUTONOMA DA COLÔNIA DE BELA VISTA, 1986). Com a implantação da Zona Franca de Manaus, o Estado do Amazonas viu renascer um crescimento vertiginoso, outrora deixado pela economia gumífera. A implantação de empresas multinacionais japonesas contribuiu para o desenvolvimento econômico e social da região, bem como para a integração dos imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade receptora, assim como afirma Benchimol (2009, p. 470): “os imigrantes japoneses e seus descendentes brasileiros têm dado grande contribuição para o desenvolvimento da Amazônia, tanto no campo agrícola como na indústria, comércio e serviços”. Contudo, nos períodos iniciais de imigração, os eventos como as festas e encontros dos japoneses e seus descendentes aconteciam limitados às pessoas da comunidade. Hoje, depois de mais de oitenta anos da presença dos japoneses no Amazonas, o cenário e o ambiente são outros. Percebe-se a presença de brasileiros não descendentes que prestigiam a cultura japonesa, em virtude da miscigenação, do convívio com a cultura japonesa, seja por meio do festival de *bon odori*, de leituras de *mangá*, de *anime*, dos esportes como *kenjutsu*, *taiko*, *judô*, *aikido*, *beisebol*, *softbol*, do contato com as empresas japonesas do Distrito Industrial, da culinária, da religião e da língua. No entanto, o *mottainainismo*, que é uma prática singular dos imigrantes e seus descendentes, não está inserida nessa categoria apreciável porque está restrita a uma prática do cotidiano, um ensinamento emanado dos seus ancestrais transmitido através de gerações, possibilitando deduzir que representou um dos fatores determinantes para a sobrevivência do povo japonês no solo brasileiro, além de constituir uma diversidade cultural inserida no contexto social do nosso país. Assim, a investigação *mottainai*, além de revelar as peculiaridades, possibilitará compreender uma cultura que elucida parcela do espírito nipônico.

Nesse sentido, indagações a seguir são pertinentes: qual a etimologia do *mottainai*? O que é *mottainai*? Qual o verdadeiro significado da cultura do *mottainai*? Qual a importância do *mottainainismo* no cenário da imigração japonesa no Amazonas?

Assim, para buscar entendimento sobre o objeto adotou-se, em princípio, procedimento metodológico de cunho bibliográfico, investigando a etimologia do termo no intuito de examinar a base que sustenta o sentido de *mottainai*, o que possibilita perquirir teorias capazes de servir como âncora do objeto. Outrossim, referenciais de ordem religiosa, cultural e linguística serviram para aprofundar quesitos relacionados ao *mottainainismo* nas diversas esferas sociais nipônicas. No contexto da imigração japonesa, as abordagens de caráter quantitativo e qualitativo favoreceram para elucidar pontos concernentes às ações do objeto em estudo.

2 MOTTAINAI – SIGNIFICADO E HISTÓRIA

O termo *mottainai* etimologicamente tem sua origem nos termos *mottai* (勿体), que significa o estado, a condição, o modo de pensar de fato arrogante e altivo, e *nai* (無), que representa o negativo do verbo *aru* (haver) e de todos os demais verbos. Assim, *mottainai* significa 1) a negação desse aspecto supracitado, isto é, são ações e comportamentos que exprimem o máximo de humildade; 2) não ser digno em relação à posição social, ou seja, sentimento de gratidão por receber encômio de pessoa com posição social superior; 3) lamentar pelo mal uso, supressão e falta de cuidado (UMESAO, et al, 1989, p. 1957).

Em termos práticos, é uma expressão que representa o comportamento de uma pessoa com atitude de humildade diante de tudo que o circunda, seja material ou não, simbolizando “o respeito pela essência das coisas”⁶. Além disso, o uso do termo *mottainai* embebeza sua essência na religião budista em que os monges “utilizavam-na em sinal de arrependimento ao desperdício ou mau uso de algo sagrado, como objetos religiosos ou ensinamentos”⁷. Sabe-se que o budismo foi introduzido no Japão no século VI⁸, incentivado pela poderosa corte Yamato como instrumento político e para ostentar esse poder, foram desenvolvidas obras culturais como a escultura, a pintura, a arquitetura, artes decorativas (YAMASHIRO, 1987, p. 22). Nesse mesmo sentido, Tazawa et al (1973, p. 22) corroboram ao afirmar que “a decisão da Corte de utilizar o budismo como instrumento político, junto à ardente adoção e proteção da nova religião, pelo príncipe Shotoku⁹, asseguraram-lhe florescente sucesso em

⁶ Fonte: <http://www.ideiasustentavel.com.br/2011/03/mottainai-tradicao-e-consumo-etico/> acessado em 26 set.2014.

⁷ Loc. cit.

⁸ (YAMASHIRO, 1987, p. 21)

⁹ Príncipe imperial (574-622), propagou o budismo entre a nobreza, opondo-se, à força, aos partidários das crenças tradicionais do *shintô* (FRÉDÉRIC, 2008, p. 1080).

seu novo ambiente”. Observa-se, nesse período, que os preceitos da religião moldavam a ordem política da nação, de modo que a influência não se restringiu somente a construção de templos, estátuas e afins, mas a outros campos sociais e filosóficos, como no pensamento, na ideologia, no comportamento, no cotidiano do povo, influenciando, em parte, na formação da prática do termo *mottainai*.

Além disso, a história do Japão assinala que os ensinamentos de base religiosa e filosófica estão triplamente marcados pela inserção, coexistência e assimilação dos elementos da doutrina do xintoísmo, do budismo e do confucionismo, podendo acrescentar também a presença da religião cristã introduzida no século XVI pelos portugueses, não obstante a história, por questões políticas, registre períodos de conflitos e massacres relacionados à passagem do cristianismo no Japão. No geral, Jostein Gaarder (2000, p. 82-83) descreve que

no Japão, a antiga religião nacional é o *xintoísmo*. A partir de 500 d. C., o xintoísmo enfrentou dura competição com o budismo, e as duas religiões acabaram por influenciar uma à outra. Não é raro, no Japão, o uso alternado de várias religiões. Uma criança pode ser abençoada pelos deuses num ritual xintoísta e ser enterrada num ritual budista. O casamento pode se realizar numa igreja cristã. Essa mistura de religiões encontrou expressão modernamente numa série de novas seitas, cultos e comunidades religiosas, o que levou o Japão moderno a ser chamado de laboratório religioso. [...] o culto aos antepassados se difundiu particularmente sob a influência do confucionismo chinês (GAARDER, 2000, p. 82-83).

Inumaru Tadashi (1999, p. 38-39), em *O coração dos japoneses*, expressa pontualmente a característica do povo japonês quando classifica a sua estrutura cultural como eclética, pois pode ser observado nos diversos setores como religião, arte, música, por exemplo, a coexistência de diversidade cultural pacificamente, cada um respeitando seu limite ideológico. Na música, por exemplo,

Gagaku é uma música cultivada entre os séculos VII e VIII, na corte chinesa, que chegou ao Japão e foi preservada até hoje, passando de geração a geração, através dos séculos, na corte imperial e templos antigos. É claro que sofreu diversas mudanças, mas até hoje existe no Palácio Imperial um grupo executantes de “gagaku” que faz suas apresentações em cerimoniais periódicos. No Teatro nacional também é realizada pelo menos uma apresentação anual de “gagaku” ou “bungaku”. Ou seja, ela é conservada até hoje. Mas, curiosamente, na China, seu

berço, este tipo de música já se extinguiu há muito tempo [...] quando uma nova modalidade aparece, não aparece no lugar de outras anteriores, mas todas elas passam a coexistir. (TADASHI, 1999, p. 38-39)

O próprio sistema de escrita japonesa também apresenta essa característica do *mottainai*, no sentido cumulativo, isto é, o que inicialmente era representado por apenas uma forma de escrita (o ideograma chinês *kanji*) desdobrou-se para mais duas formas de escrita emanada do primeiro: o *hiragana* e *katakana*, sendo que nenhuma delas foi abolida e as três formas de escritas coexistem, cada qual com função específica. Além disso, o ideograma *kanji* possui leituras fonéticas *kun* (leitura japonesa) e *on* (leitura chinesa). Tae Suzuki (1985, p. 60) destaca que existem “várias leituras *on* ‘leitura chinesa’ ou ‘leitura fonética’, conforme a época de entrada da cultura chinesa ao Japão, procedente de diferentes regiões onde se localizavam os impérios então dominantes”. Acrescenta-se a esse contexto o sistema de transliteração românica da língua japonesa, conhecido como sistema Hepburn. Tal nome deve-se ao criador James Cutis Hepburn, médico e padre americano que esteve no Japão no século XIX, cujo “sistema segue em linhas gerais a fonética inglesa [...]” (SUZUKI, 1985, p.60). Percebe-se, então, que durante o processo de formação da escrita japonesa, o ideograma chinês introduzido por volta do século V sofreu diversas adaptações ao longo dos anos, porém, continuou e continua a existir, possibilitando ainda a criação de mais duas formas de escrita que passam a coexistir, além do uso de escrita romana para, por exemplo, representar nomes de empresas multinacionais, nome de músicas, grupos musicais etc.

José Yamashiro (1987, p. 20) atesta que “uma das características mais evidentes da história japonesa é a existência de muitos elementos de continuidade, que emanam de fontes autóctones, completamente alheios às normas dominantes no continente”. Assim, independente da discussão sobre a cultura do *mottainai*, quer seja emanado do poder religioso, autóctone ou de outros elementos, percebe-se de fato um fenômeno interno não exclusivamente econômico que direciona ao acúmulo de bens materiais ou simbólicos ao longo do tempo nas diversas esferas da sociedade. Tal fenômeno foi se constituindo ao longo da formação social do país, provido não exclusivamente de ordem religiosa, mas de um conjunto de fatores, seja econômicos, políticos, sociais, geográficos e históricos.

3 MOTTAINAINISMO E A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO AMAZONAS

Durante o período inicial da imigração, o termo *mottainai* era frequentemente empregado no cotidiano da comunidade japonesa, no sentido do uso racional de tudo que poderia ser aproveitável, tendo em vista as condições financeiras precárias da maioria dos imigrantes que tinham a terra, praticamente intacta, como a única fonte de subsistência e sobrevivência. Assim, ao fazer derrubada das matas, aproveitavam-se da palha para construir casas e do palmito para o consumo alimentar. Após a queimada, era comum o surgimento de uma espécie de samambaia, denominada pelos japoneses de *warabi*, cujo broto servia de alimento substituindo a escassez de verduras. Outra forma de suprir a carência de verduras foi inserir na culinária os talos de batata doce, talos de jerimum, cogumelos, refogados de mamão verde etc. Além disso, ao comprar quilos de açúcar, farinha, arroz, aproveitava-se o recipiente para plantio de sementes e mudas de leguminosas e hortaliças; ao comprar leite condensado, valia-se da lata para fazer de caneca ou de outras utilidades; ao comprar sardinha em lata, furava-se a lata com prego para fazer um ralador; o capim servia de adubo para a produção de pimenta do reino e leguminosas; as espigas de pimenta do reino, depois de retirados os grãos e secos, eram aproveitadas como repelente, pois, uma vez incineradas, expeliam fumaças que afugentavam o mosquito carapanã, muito frequente nas regiões da Colônia Bela Vista; ou seja, os imigrantes valorizavam tudo que estava ao seu entorno, reutilizando, reciclando e, conseqüentemente, reduzindo o custo de vida e o custo de produção. Além disso, o espaço da colônia, com uma área relativamente extensa, propiciou ainda mais o *mottainainismo*, tendo em vista que o acúmulo de bens necessita de lugar para armazenamento.

Assim, para a obtenção de dados concretos sobre o *mottainainismo*, foi realizada uma pesquisa de campo com imigrantes, descendentes e não descendentes no período de 31 de outubro de 2014 a 09 de novembro de 2014, no total de 16 colaboradores, sendo 04 imigrantes, 05 descendentes e 07 não descendentes. Os imigrantes, na faixa etária de 63 a 85 anos, afirmaram guardar garrafa pet, pote de sorvete, sacola de compras, vasilha de manteiga, papel usado, saco de açúcar, forma de ovos, papel usado, lata de conserva vazia, lata de doces, saco de arroz, lata de leite vazia, ferramentas antigas que trouxeram do Japão; os descendentes, entre 32 a 75 anos, declaram guardar garrafa pet, pote de sorvete, sacola de compras, papel usado, filmes de fotos e cartas, roupas usadas, parafusos e pregos, pedaços de fio, peça de carro usado; os não descendentes, de 30 a 54 anos, que tem convivência com os imigrantes

e/ ou descendentes, observaram que os japoneses costumam guardar garrafa pet, pote de sorvete, sacola de compras, vasilha de manteiga/ margarina, forma de ovos, papel usado, caixa de papelão, fotos antigos, objetos antigos, latas de conserva, pregos parafusos, roupas e itens eletrônicos. Apenas um não descendente, de 31 anos, afirmou que não percebe o costume de acúmulo dos objetos dos imigrantes e/ ou descendentes porque adota também esse mesmo costume.

Embora o número de colaboradores seja restrito, a investigação demonstra que os imigrantes e descendentes têm a tendência de acumular objetos usados e os não descendentes que convivem com eles também percebem essa prática de acúmulo, exceto um colaborador que disse não notar, pois também possui o mesmo costume. Isso pode levar ao entendimento de duas acepções: primeiro, que o indivíduo de outras etnias também pode ter o costume do *mottainai*, talvez não tão constante e generalizado quanto o povo nipônico; segundo, que o indivíduo seja apenas um acumulador compulsivo, sem uma relação com a características inerentes a cultura do *mottainai*. Independente de qual seja a interpretação, nota-se que os indivíduos não têm a percepção de suas ações em acumular objetos, por achar obviedade nos seus atos.

Quanto ao quesito “desentendimento em acumular objetos”, dos sete colaboradores não descendentes, dois não responderam e os dois restantes afirmaram não entrar em desentendimento por ser cultural. Existe, entretanto, um colaborador não descendente que afirma haver desentendimento porque guarda mais objetos do que os imigrantes e descendentes e estes o acusam de desorganizado. Tal fato revela que o ser humano tem a tendência de observar e reprimir as atitudes dos semelhantes, mas não percebe que possui atitude afim. Dois não descendentes afirmam ter havido desentendimento, pois o acúmulo de objetos usados, embora cultural, aparenta desorganização, preguiça de jogar no lixo e ocupação do espaço que, no mundo moderno, é tão limitado, sobretudo para quem reside em apartamento. Assim, aproveitar tudo que está no entorno procurando desperdiçar o mínimo, não descartando os bens e mantendo-os em seu poder, sobretudo os tangíveis, tende a provocar tensão na esfera econômica, visto que o espaço e o tempo na concepção econômica requer a otimização de seu uso. Com relação ao tempo, Bauman (2005, p.134) afirma que “a descoberta de Benjamin Franklin de que “tempo é dinheiro” é um louvor ao tempo: o tempo é um valor, é importante, algo a ser valorizado e cuidado, tal como o são o capital e os investimentos”. Nesse sentido, assim como o tempo e espaço no campo econômico são racionalizados visando lucro financeiro, o *mottainainismo* que pertence à esfera cultural contém no seu interior

aspectos que transcendem o limiar das questões puramente econômicas, valorizando elementos como o respeito, o valor sentimental, a espiritualidade. Os imigrantes justificam as suas práticas de acumular objetos antigos e usados pela possibilidade de utilidade no futuro, ou por ser *mottainai* jogar fora algo que ainda pode ser útil e também para propiciar a reciclagem e ajudar no controle ambiental. Um dos colaboradores imigrantes revela que foi estudante no Japão do período pós-guerra e nunca teve o prazer de usar uniforme escolar novo, pois a roupa era repassada de um parente para outro, não necessariamente de um irmão. Outro afirma o acúmulo de bens como costume inato dos japoneses, atribuindo essa prática sobretudo à educação e à situação econômica do período das guerras e pós-guerra, isto é, um ensinamento aprendido nas escolas, na família, no exército, no trabalho, de maneira a valorizar tudo que está à volta.

Ao questionar os imigrantes e os descendentes: “você costuma jogar objetos que lhe serviram por muito tempo? Por quê?”, um colaborador não respondeu; outro respondeu que dependeria do objeto; um terceiro colaborador disse doar ou jogar os objetos por residir no apartamento e seis colaboradores responderam que não jogam porque têm um valor sentimental, podem haver utilidade um dia, porque é *mottainai* e que foi ensinado desde criança a dar valor a tudo. Apesar de ser, muitas vezes, material sem vida, exprime-se respeito àquilo que tanto serviu. Percebe-se que a maioria dos imigrantes e descendentes continua a adotar tal costume de acúmulo, coadunando o mérito dessa prática com o termo *mottainai*.

No questionamento: “Você sendo descendente, como eram os seus pais imigrantes quanto aos usos dos objetos?”, todos responderam unanimemente que os pais guardam ou guardavam de tudo: “guardavam tudo até mudarmos para a cidade”; “meus pais guardam tudo que possa imaginar”; “meus pais sempre guardam e tentam conservar os objetos”; “minha mãe guardava tudo”; “eles guardavam em um quarto do fundo os objetos antigos separados por categoria (livros, equipamentos, roupas, objeto de decoração)”. Neste mesmo quesito, um imigrante que se considera descendente por ter vindo para o Amazonas com oito anos de idade, responde que os “objetos adquiridos, tudo era reusado (lata de leite condensado servia de caneca, lata de querosene substituía balde etc.)”. Desse modo, o quesito deixa evidente que o *mottainainismo* estava muito presente nos tempos de imigração, perdurando até os dias atuais, alguns com mais intensidade do que os outros.

4 CONCLUSÃO

O estudo sobre o *mottainainismo*, fundamentado na teoria postulada por Max Weber e Pierre Bourdieu, revelou, de modo geral, dois caminhos na esfera social: o primeiro relacionado exclusivamente tencionando aspectos econômicos, sobretudo na prática de desenvolvimento sustentável, na racionalização, reutilização e reciclagem de bens de produção, proporcionando redução nos custos e, por conseguinte, o aumento nos lucros de modo que muitos imigrantes japoneses obtiveram sucesso econômico por meio de tal prática. Além disso, o espaço amplo da colônia japonesa favoreceu o acúmulo de bens recicláveis. O segundo está vinculado à questão cultural com a valorização de tudo que está no entorno, sejam bens materiais ou culturais, imbuída de cuidado, de respeito, de zelo, de sentimento, o que indiretamente integra outros quesitos como a disciplina, a responsabilidade, a perseverança, revelando o âmago da essência do pensamento do povo japonês. Observa-se, neste caso, o segmento em direção inversa à racionalização exclusivamente econômica.

Pode-se asseverar, portanto, que a junção destes dois aspectos relativos à cultura do *mottainai*, em conjunto com outros elementos como a educação, a adaptação ao meio, a miscigenação, propiciou aos imigrantes japoneses a inserção nas diversas camadas da sociedade brasileira e, por conseguinte, na composição do processo de formação cultural do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO AUTÔNOMA DA COLÔNIA DE BELA VISTA. *Amazonasu Shuu Bela Vista Ijuuchi Sousetsu zonenshi 1953-1983*. São Paulo: Topan-Press, 1986.

BARROS, Andréa Vieira Lourenço de, et al. Sistemas agrofloretais nipo-brasileiros do município de Tomé-Açu, Pará: Formação e Percepção. In HOMMA, Alfredo Kingo Oyama et al (orgs.): **Imigração Japonesa na Amazônia**: contribuição na agricultura e vínculo com o desenvolvimento regional. Manaus: Edua, 2011. p. 305-337.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. 3ª edição. Manaus: Editora valer, 2009.
- BENEDICT, Ruch. **O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa**. Tradução: Cesar Tozzi. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 2006, p. 371-410.
- FUNABIKI, Takeo. Da necessidade do nihonjinron. In PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (orgs.). **O Japão no Caleidoscópio: Estudos da Sociedade e da História Japonesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 91-108.
- GAARDER, Jostein. **O livro das religiões**. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- SUZUKI, Tae. A escrita japonesa. In **Revista de Centro dos estudos Japoneses da Universidade de São Paulo**. São Paulo, volume 5, p. 53-60, 1985.
- TADASHI, Inumaru. O Coração dos japoneses. In Kaigai Nikkeijin Kyoukai. **Palestras sobre a Cultura Japonesa: proferidas em cursos para os Bolsistas Nikkeis**, Tradução: Noêmia Hinata e Keiko Matsunaga, Editorial: Associação dos Cidadãos de Origem Japonesa no Exterior, 1999.
- TAZAWA, Yutaka et al. **História Cultural do Japão: uma perspectiva**. Edição: Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, 1973.
- UMESAO, Tadao. et al (orgs.). **Grande Dicionário de Língua Japonesa**. Tokyo: editora Kodansha, 1989.
- WEBER, Max. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: **Ensaio de sociologia**. Tradução: Waltersir Dutra. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1982, p. 371-410.
- YAMASHIRO, José. **Histórias dos Samurais**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1987.